

**ASSESSORIA  
TÉCNICA DE  
NÓ[S]**

A OCUPAÇÃO QUILOMBO GUERREIRA DANDARA ESTÁ VINCULADA AO MOVIMENTO SEM TETO DA BAHIA (MSTB) E FICA LOCALIZADA NO BAIRRO CASSANGE, EM SALVADOR/BA. A REGIÃO COMPREENDE A DIVISA DA CIDADE DE SALVADOR/BA COM OS MUNICÍPIOS DE LAURO DE FREITAS E SIMÕES FILHO, DISTANTE DA INFRAESTRUTURA URBANA E DOS CENTROS DE SERVIÇOS ESPECIALIZADOS. O NOSSO TRABALHO FOI CONSTRUÍDO COM INTENSA ARTICULAÇÃO COM SOLANGE SANTOS (LIDERANÇA E MORADORA DA OCUPAÇÃO) E COM JULIANA SANTOS (LIDERANÇA DO MSTB), ALÉM DOS DE MAIS MORADORES DA OCUPAÇÃO QUE PARTICIPARAM ATIVAMENTE DE TODO O PROCESSO, E COM ISSO CONSTRUÍRAM CONJUNTAMENTE CONOSCO OS RUMOS E RESULTADOS DESTES TRABALHOS.

AO LONGO DESTES TRABALHOS, TEMOS COMO OBJETIVO APRESENTAR, DE FORMA DESCRITIVA E REFLEXIVA, OS PROCESSOS, ATIVIDADES E DESDOBRAMENTOS RELACIONADOS À NOSSA ATUAÇÃO ENQUANTO GRUPO DE ACESSORIA TÉCNICA JUNTO À OCUPAÇÃO. O TRABALHO, QUE SE INICIOU COM A INTENÇÃO DE CONSTRUÇÃO DE UM PARQUINHO INFANTIL DEMANDADO PELA OCUPAÇÃO, GANHOU CORPO AO SE CRUZAR COM OUTROS AGENTES: O INSTITUTO GOETHE<sup>1</sup> NAS PESSOAS DE CAROLINE RIBEIRO E LIS CORREIA; O GRUPO DE PESQUISA TERRITÓRIOS, HEGEMONIA, PERIFERIAS E AUSÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)<sup>2</sup> NAS PESSOAS DE RAIANE SILVA E CELSO FAVERO; THOMAS OLIVEIRA, BIOCONSTRUTOR BAMBUZEIRO; E O PRÓPRIO MSTB, ALÉM DOS MORADORES DA OCUPAÇÃO.

A TROCA ENTRE REDES DO MOVIMENTO, DE ACESSORIAS E DE APOIADORES SE DESENVOLVEU PROFUNDAMENTE NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2021, GERANDO MOMENTOS PRECIOSOS DE LEITURAS E CONSTRUÇÃO COLETIVA DO TERRITÓRIO. NESSE SENTIDO, FORAM REALIZADAS ATIVIDADES DE LEVANTAMENTO CENSITÁRIO, PRODUÇÃO CARTOGRÁFICA E ORGANIZAÇÃO DE MUTIRÕES PARA CONSTRUIR E CUIDAR DE ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS COLETIVOS. ESSA CONSTRUÇÃO COLETIVA EM REDE ACABOU SE TORNANDO O OBJETO CENTRAL DESTES TRABALHOS. A PARTIR DISSO, TÊMOS REFLEXÕES SOBRE METODOLOGIAS QUE MOBILIZAM NOSSA ATUAÇÃO EM REDE, COMO O MÉTODO CARTOGRÁFICO, ATRAVESSANDO O CONCEITO DE RIZOMA DE DELEUZE E GUATTARI; A PESQUISA-AÇÃO, DE THOLLENT; ALÉM DA GEOGRAFIA DOS AFETOS, INTENSIFICADA A CADA ATIVIDADE. COM ISSO, IDENTIFICAMOS OS GANHOS PARA OS DIFERENTES GRUPOS ENVOLVIDOS, PRINCIPALMENTE PARA A LUTA DO DIREITO À MORADIA E MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE DA OCUPAÇÃO.

---

<sup>1</sup> O Goethe-Institut é o instituto cultural de âmbito internacional da República Federal da Alemanha. Promovemos o conhecimento da língua alemã no exterior e o intercâmbio cultural internacional.

<sup>2</sup> O grupo de pesquisa Territórios, Hegemonia, Periferias e Ausências (UNEB) é liderado por Celso Favero e faz parte do Adapta Sertão, que desde 2006 está desenvolvendo e testando um conjunto de ações para aumentar a resiliência climática dos produtores familiares que vivem na região semiárida.

---

**N**este caderno todos os textos partem de reflexões e impressões pessoais, cada um das/dos autoras(es) do trabalho assina um capítulo com temática específica que corresponde a produção da parte individual da avaliação para conclusão do curso de especialização em assistência técnica, habitação e direito à cidade - Residência AU+E. Além dos textos de cada autor, convidamos pessoas diretamente envolvidas com o processo de desenvolvimento desse trabalho para contribuir com relatos de como foi, a partir de seu ponto de vista, o caminho percorrido até aqui pelo grupo.

Sendo a atuação em rede o tema central da nossa experiência junto ao Movimento dos Sem-Teto da Bahia e a Ocupação Quilombo Guerreira Dandara, aproveitamos para reforçar isso que já vem sendo empregado desde o título desse trabalho. É a partir da ambiguidade da palavra “nós”, que ao mesmo tempo em que nos conforma um grupo também nos une com outras pessoas e coletivos, que está representada a potência do presente trabalho. Foi o diálogo constante entre nós e a própria residência, entre nós e MSTB, entre nós e moradores da Ocupação, entre nós e Gothe, Morada do Sol, e outras tantas pessoas, que consolidou esse trabalho e que vem reverberando possibilidades futuras.

# NOSSA EXPERIÊNCIA DE ASSESSORIA NO CONTEXTO PANDÊMICO POR KEYLANE DIAS

Desde que foi oficialmente decretado estado de lockdown na cidade de Salvador em março de 2020 devido à pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19), o mundo passou por diversas etapas desse período pandêmico que se estende até o momento presente. De março de 2020 para dezembro de 2021, fomos da desinformação à vacinação.

Quando iniciamos a Residência AU+E, a pandemia ainda não tinha uma influência direta no nosso estilo de vida, logo, não se cogitava a possibilidade de assessorar grupos sócio-espaciais à distância. Poucas semanas depois, o cenário mudou completamente e a possibilidade de uma assessoria técnica remota foi um dos assuntos que mais conversamos e ouvimos falar no âmbito do curso e de outros contextos semelhantes.

Após passarmos por um importante momento de adaptação à nova realidade e de informação a respeito do vírus, voltamos a pensar na nossa atuação como assessores junto ao território entendendo que apesar de todas as dificuldades que o contexto pandêmico pudesse proporcionar a nós e aos assistidos, esse era também o momento em que mais precisávamos estar em campo. Atravessar a pandemia não tem sido fácil para a maioria das pessoas, mas tem sido especialmente mais difícil para algumas. Não por

coincidência, o trabalho da assessoria técnica está voltado para essas pessoas de quem mais foi tirado durante esse período.

Aspectos sociais, demográficos e epidemiológicos mais a taxa geral de mortalidade da população colocaram o bairro do Cassange, em Salvador, na primeira posição entre os dez bairros da capital mais vulneráveis para a propagação de casos de covid-19. O levantamento é resultado de dados preliminares do novo Índice de Vulnerabilidade Epidêmica (IVE), que tem um intervalo de 0 a 1 ponto. Quanto mais próximo de 1 maior será a vulnerabilidade epidêmica. Cassange tem índice de 0,4197. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estudo-apo-nta-cassange-como-o-bairro-de-salvador-com-maior-risco-para-covid-19/>. Acesso em: 02/03/2022.

FIGURA 1: REUNIÃO ONLINE NA PLATAFORMA GOOGLE MEET.  
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



Não por acaso, o nosso primeiro contato com o Quilombo foi em meados do ano de 2020 quando atuamos com o grupo Mobiliza RAU+E<sup>1</sup> fazendo a instalação de Pontos Comunitários de Higiene (PCH) em territórios populares de Salvador, incluídas algumas ocupações do Movimento dos Sem-Teto da Bahia (MSTB). Já no ano de 2021, após esse contato inicial para instalação do PCH, Sol Guerreira entrou em contato conosco via mensagens de Whatsapp trazendo a intenção da construção de um parquinho e também de uma praça com o busto de Zumbi dos Palmares e de Dandara dos Palmares para a ocupação. Após conversar com os professores da Residência sobre a incorporação do Quilombo nas atividades ligadas ao curso, nós perguntamos a Sol se a ocupação tinha interesse em participar desse processo de assessoria técnica ligada à Residência conosco e com sua resposta afirmativa começamos a pensar como seria o nosso movimento de aproximação.



FIGURA 2: FOTOS DO DIA DA MONTAGEM DO PCH NO QUILOMBO EM JULHO DE 2020. FONTE: DANIEL MAROSTEGAN E MARIANA PRADO. (2020).

<sup>1</sup> O Mobiliza RAUE foi um grupo idealizado por pós-graduandos e por professores da 4ª edição da Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da UFBA. O grupo atuou elaborando ações para mitigar os impactos da COVID-19 em territórios populares da Região Metropolitana de Salvador-BA. Uma das ações propostas foram lavatórios com acionamento por pedal denominados Pontos Comunitários de Higiene, ao todo foram instalado 19 pontos em 15 localidades diferentes.

Depois de muitas conversas através de mensagens de Whatsapp e chamadas de vídeo entre o nosso grupo e Sol sobre como iríamos atuar no território, decidimos juntos que esse trabalho de assessoria técnica (BALTAZAR, KAPP, 2016) não poderia ser desenvolvido majoritariamente de forma remota, os entraves eram imensos. Por se valer de uma comunidade de baixa renda, o alcance a dispositivos com acesso à internet era bastante limitado, afastando os assessores dos assessorados, das redes, do território e principalmente dos saberes, processos e problemas que são percebidos a partir da vivência, observação e escuta ativa em campo. Também implicou dos primeiros passos da assessoria tomarem muitas direções unilaterais frente aos conflitos do território, já que o único contato que tínhamos era através da liderança Sol. Essa experiência nos fez perceber que, quando considerada, a assessoria técnica remota deve ser pensada em conjunto a uma infraestrutura de rede, equipamentos e educação informática que permita uma participação representativa do grupo assessorado.

FIGURA 3: RUA SEM PESSOAS. OCUPAÇÃO QUILOMBO GUERREIRA DANDARA.  
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



Durante a nossa atuação em campo, as medidas protetivas que tomamos foram o uso da máscara, o distanciamento físico e o uso do álcool para higienização das mãos e de objetos. Nas primeiras visitas que fizemos, percebemos que os moradores não utilizavam a máscara no convívio entre si, mas, que, apesar de não termos feito nenhum tipo de solicitação, a colocavam no rosto para falar conosco mais como um sinal de respeito do que como um método de proteção para si mesmos. Com o passar do tempo, eles foram deixando de usar a máscara para participar das atividades e para conversar conosco pessoalmente. Ainda que considerássemos que essa situação não fosse boa para a construção de um ambiente seguro contra o vírus, o avanço da vacina nos deixou mais confiantes para continuar fazendo as visitas, não nos eximindo de tomar as medidas protetivas necessárias.

Apesar de inicialmente a Residência não ter nos incentivado a estar presente em campo devido às instruções da Universidade Federal da Bahia (UFBA), nos foi solicitado que enviássemos uma carta que sinalizasse que tínhamos a intenção de atuar presencialmente no território. Em resposta, recebemos informações de como deveria ser a nossa atuação presencial e nos esforçamos ao máximo para cumprir o protocolo que nos foi fornecido.

Como assessores, nós entendemos que a assessoria e a assistência técnica podem ser desenvolvidas também de forma remota, mas que nem toda proposta de trabalho ou território popular serão bem adaptados a essa forma de atuação. Ao longo do curso da RAU+E em que estamos inseridos, acompanhamos ao longo dos meses os mais diversos tipos de contexto em que nossos colegas estavam se dedicando ao trabalho da assessoria. Essa experiência tornou ainda mais evidente o quanto cada trabalho de assessoria e assistência técnica é único e deve ser pensado de forma personalizada.

Apesar do difícil contexto pandêmico, a nossa atuação no Quilombo tem sido positiva devido à boa relação que criamos com os moradores e ao complexo sistema de redes em que estamos inseridos desde o início do desenvolvimento da assessoria. Esperamos que em breve possamos nos alegrar sem restrições, comemorando os progressos que alcançamos juntos durante esse período.

# RESIDÊNCIA E O TRABALHO DE ASSESSORIA TÉCNICA NO QUILOMBO GUERREIRA DANDARA POR VICTOR FERREIRA

Como abordado no texto anterior, a pandemia de Covid-19 remodelou diversas estruturas e movimentos que estavam se organizando para ocorrer a partir de 2020. A Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (RAUE) também teve que se adaptar e, assim como os demais espaços acadêmicos, buscou através de encontros remotos e de ferramentas online criar os espaços necessários para realização do curso. Neste texto busco tecer reflexões acerca da minha experiência enquanto residente da quarta edição do curso ao pautar, a partir dos espaços adaptados ao contexto pandêmico, quais foram suas potencialidades e suas fraquezas. Acredito que esse ponto de vista, apesar de bastante singular por considerar apenas uma experiência, possa contribuir para a residência seguir se fortalecendo em suas próximas edições.

Ao iniciar, já em 2021, as disciplinas referentes ao primeiro semestre do curso da residência ainda não era possível ter clareza de como seriam introduzidas as comunidades disponíveis e interessadas em realizar os trabalhos de campo e nem mesmo era possível saber em quais condições esse

FIGURA 4: CONSTRUÇÃO DO TANQUE PARA FOSSA ECOLÓGICA.  
FONTE: INSTITUTO GOETHE (2021).



trabalho se daria. Acredito que o cenário ideal, previsto inclusive pela estrutura do curso pré-pandemia, seria uma aproximação às lideranças e aos territórios feita gradualmente, já a partir do início das disciplinas. No entanto, diante das incertezas em torno do trabalho de campo esse contato foi postergado para o final do primeiro período.

As disciplinas cursadas no primeiro semestre<sup>2</sup> foram diretamente impactadas pela ausência das perspectivas que cada território poderia trazer para contribuir no debate. E não apenas isso, creio que entre as maiores perdas do formato remoto foi esvaziar as trocas entre o corpo discente, tanto as realizadas em salas de aula quanto às informais, externas ao ambiente do curso, que criam laços e possibilitam uma imersão maior do coletivo de estudantes no processo.

<sup>2</sup> As disciplinas cursadas no primeiro semestre foram: Produção do espaço e políticas urbanas e direito à cidade; Experiências de assistência técnica; Educação popular e assistência técnica; Técnicas para interação comunitária em projetos; Fóruns Internos.

Já o segundo semestre pareceu mais construtivo. Tanto pela experiência e troca com os professores para planejar as próximas disciplinas<sup>3</sup>, quanto pelo momento de divisão dos grupos e definição dos territórios onde cada um atuaria. Aqui ficou claro o quanto era central cruzar o trabalho de assessoria sendo realizado nos contextos das disciplinas e isso tornou o processo mais fértil. Nesse sentido, cabe destacar principalmente os encontros para a disciplina de Fóruns Internos que se ocupava quase que exclusivamente com a troca entre os grupos e debates cruzando cada trabalho e território. Esses encontros e, principalmente, a preparação que os antecederam, foram muito importantes pro desenvolvimento do trabalho, foram momentos de reflexão entre o grupo que orientaram e fundamentaram decisões futuras acerca do desenvolvimento do trabalho.

O início do trabalho de campo, ocorrido entre os dois semestres de 2021, acredito ter sido único para cada grupo, visto que cada território tem um contexto próprio e que cada um foi impactado pela pandemia de uma maneira específica. Aliado a isso, esse foi um período bastante delicado pois, apesar da vacinação para Covid-19 ter começado no Brasil no início desse mesmo ano, na passagem para o segundo semestre uma porcentagem grande de pessoas ainda não tinha tomado nenhuma dose da vacina. Nesse momento foram essenciais as conversas que tivemos com os professores que orientam esse trabalho, assim como com Sol e Juliana, lideranças do MSTB. Foi através dessas conversas que alinhamos expectativas e encontramos respaldo para conseguir realizar os primeiros encontros presenciais na ocupação. A partir disso foi necessário ainda transmitir nossa intenção para a comunidade acadêmica, em um momento em que a Universidade Federal da Bahia ainda construía seus protocolos de segurança. Então, em paralelo aos primeiros encontros, comunicamos à coordenação da RAUE através de termos de responsabilidade quais estavam sendo nossos cuidados em cada atividade e quais eram nossas expectativas para o desenvolvimento do trabalho em campo.

<sup>3</sup> As disciplinas cursadas no segundo semestre foram: Técnicas para interação comunitária em projetos; Agentes e instrumentos do direito urbanístico e ambiental; Tecnologias sociais e digitais aplicadas; Tecnologias ambientais apropriáveis; Práticas projetuais e construtivas coletivas; Fóruns Internos.

Uma reflexão central foi realizada pelo grupo ao longo de todas as disciplinas do segundo semestre, em todos os trabalhos finais refletimos como aquele produto seria útil de alguma forma à comunidade ou como poderia contribuir de forma que sustentasse nossa atuação. Foram nessas reflexões que chegamos a ideia do formato do trabalho final da residência. A organização do presente trabalho, através de cadernos, sem uma hierarquia clara, com temáticas que surgem a partir da nossa atuação e, por isso, se cruzam entre si, foi resultado de um pensamento que nasceu junto ao trabalho de campo. Buscamos identificar em cada disciplina pelo menos um ponto que atravessasse nossa atuação, ou em atividades já realizadas ou atividades previstas. Sendo assim, pensamos a divisão em cadernos onde cada trabalho final de cada disciplina corresponderia a um esboço do que veio a ser o texto final de cada parte desse trabalho. A estrutura foi sendo aprimorada e os textos complementados e revisados até a versão atual, mas seguiu uma estrutura inicial em que a disciplina “Técnicas para interação comunitária em projetos” tratou do tema das metodologias, a disciplina “Tecnologias ambientais apropriáveis”, tratou do tema da Fossa Ecológica, a disciplina “Práticas projetuais e construtivas coletivas” tratou do tema do Parquinho e a disciplina “Agentes e instrumentos do direito urbanístico e ambiental” tratou do tema das leituras Sócio-Espaciais.

FIGURA 5: LAÍS E SILVIA TRABALHANDO NO MUTIRÃO DA FOSSA.  
FONTE: INSTITUTO GOETHE (2021).



FIGURA 6: PAREDE DE UMA DAS CASAS DA OCUPAÇÃO.  
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



Ainda sobre o processo de avaliação dentro da Residência é importante destacar que em diversos momentos do curso não entendemos os trabalhos em algumas das disciplinas como produtos que somariam no nosso trabalho de campo e, conscientemente adaptamos o que estava sendo cobrado para o que fazia sentido dentro da estrutura já descrita. Da mesma forma, estruturamos esses cadernos e esse trabalho final de conclusão do curso antes mesmo de ter claro o que seria cobrado pela coordenação. Um ponto de partida para idealizar esse produto era que esse é um trabalho coletivo, escrito pelos quatro integrantes do grupo e, sobretudo, fruto de atividades junto aos moradores da ocupação onde nós quatro tivemos cada um um olhar e participação singular no processo. Nesse sentido, a soma para a criação de um trabalho coletivo tem muito mais potencial de contribuir à luta da ocupação do que quatro trabalhos individuais poderiam alcançar, no caso da experiência que tivemos.

A liberdade que algumas disciplinas deram ao incentivar o pensamento através de outras formas de expressão também somam no trabalho, como por exemplo o vídeo produzido pelo grupo através de relatos dos moradores, desejo que os próprios haviam expressado de contar sua história em vídeo e com isso alcançar novas parcerias e maior visibilidade da luta. Da mesma forma, a fotografia ocupou espaço importante, não só ilustrando os textos produzidos, mas sendo central para o desenvolvimento de cada atividade e em diferentes momentos sendo expostas impressas no centro comunitário ou entregue aos

moradores. Nesse sentido as fotografias que levamos para atividades chegavam como uma ferramenta de comunicação para explorar ideais, enquanto as fotografias que fazíamos voltavam como uma lembrança da construção coletiva e um registro compartilhado do processo.

A liberdade que algumas disciplinas deram ao incentivar o pensamento através de outras formas de expressão também somam no trabalho, como por exemplo o vídeo produzido pelo grupo através de relatos dos moradores, desejo que os próprios haviam expressado de contar sua história em vídeo e com isso alcançar novas parcerias e maior visibilidade da luta. Da mesma forma, a fotografia ocupou espaço importante, sempre ilustrando os textos produzidos e ainda mais quando expostas impressas no centro comunitário ou entregue a algum morador.

As diferentes formas de se realizar e representar os trabalhos de assessoria devem ser ainda mais incentivados, dado que é um campo que apesar de necessário encontra muitas dificuldades de se viabilizar. Experimentar maneiras diferentes de se realizar um trabalho de assessoria técnica ajuda a criar um repertório para todos que buscam atuar na área. Esse papel deveria ter ainda mais espaço sobretudo em trabalhos que surgem desde a universidade, por toda a estrutura que tem em torno da academia.

Por fim, acredito que, apenas em sua 4ª edição, a Residência já ocupa um espaço importante no campo da assistência e assessoria técnica, com uma estrutura consolidada que permite o curso continuar a se aprimorar e contribuir para o campo. Foi central a decisão da coordenação de manter o curso mesmo após o início da pandemia e, diante de todas as dificuldades, as adaptações necessárias para viabilizar a realização da Residência foram satisfatórias. No entanto, um maior destaque pode ser feito a atuação do Mobiliza-RAUE ainda no primeiro semestre de 2020. A criação de um braço da Residência um pouco mais externo à universidade, que se comunica com outros agentes e que se organiza de maneira mais horizontal foi uma experiência de grande valor na minha formação ao longo desses dois anos. Uma reflexão da residência em torno das ações realizadas e todas suas reverberações a partir do Mobiliza-RAUE pode contribuir muito para pensar a estrutura das próximas edições.

# O TERRITÓRIO FRENTE ÀS QUESTÕES JURÍDICO-ESPACIAIS

## POR CARMÉLIA CLOUGH

Um dos maiores desafios urbanos, em nível mundial, é a garantia da permanência e do direito à moradia adequada para populações vulnerabilizadas.

Segundo as Nações Unidas (1948), toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, com alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos, os serviços sociais indispensáveis, e o direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle.

O direito de moradia é assegurado pela Constituição Federal de 1988, no Art. 6, que estabelece que são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados (BRASIL, 1988).

No Quilombo Guerreira Dandara esses direitos não são garantidos, sobretudo o da habitação. A população que reside na ocupação já tem uma longa história de luta pelo direito à moradia digna e segura e já ocupou outros lugares da cidade de Salvador. Atualmente, o quilombo está há 3 (três) anos ocupando um terreno de propriedade privada em Cassange e busca a legitimação da permanência das famílias nesse território, já que enfrentam a instabilidade e a incerteza de continuar a ocupar esse lugar.

FIGURA 7: UMA DAS CASAS DA OCUPAÇÃO.  
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



Nesse processo, os moradores, junto à liderança da Ocupação, se aproximaram do Movimento Sem Teto da Bahia – MSTB. O MSTB nasceu da necessidade de organização de mulheres e homens para conquista da moradia e demais direitos sociais necessários a uma vida digna. O movimento se define como baseado em quatro princípios norteadores: A horizontalidade, a autonomia, a solidariedade e o poder popular, segundo consta no documento da Cartilha do II Congresso Estadual do MSTB. A autonomia em relação aos partidos políticos e aos governos; a horizontalidade nas relações de poder entre a base e a coordenação, sendo que a força da organização deve estar nos espaços coletivos de discussão; a solidariedade aos outros movimentos que lutam contra todas as formas de opressão e exploração.

De acordo com Maria Glória Gohn (2011), movimentos sociais são identificados como ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas da população se organizar e expressar suas demandas, o que acaba fortalecendo o objetivo do Quilombo em conquistar seus direitos, sobretudo o de moradia. Maria da Glória Gohn (2006) reforça que existe um caráter educativo dos movimentos sociais. Que apesar das dificuldades, adversidades e pontos de tensão com o MSTB, a Ocupação tem uma articulação e visibilidade com redes proporcionadas pelo movimento social.

Desse modo, a vinculação da ocupação ao MSTB fortalece a busca pelo direito da conquista do direito à moradia e o direito de legitimação jurídica da ocupação das famílias no território onde estão, pois o MSTB traz uma possibilidade de acesso à justiça, pela jurisprudência de casos similares.

FIGURA 8: UMA ÁREA DA OCUPAÇÃO.  
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



A função social é assegurada no artigo 5º da Constituição Federal, e esse direito é ratificado no art. 182. da mesma lei:

A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes. § 2º A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor. (BRASIL, 1988)

Complementado pelo art. 39, do Estatuto da Cidade, Lei nº 10.257/ 2001:

A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor, assegurando o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, à justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas. (BRASIL, 2001).

Nesse sentido, a função social da propriedade é um instrumento que visa evitar as desigualdades sociais provocadas por uma desigual distribuição das terras rurais e urbanas do território brasileiro. Esse princípio, está em consonância com os objetivos sociais de uma determinada cidade, visando a destinação de áreas vazias, não ocupadas, para um fim útil e social. Segundo Maluf (1997), a função social positiva o interesse supra individual na propriedade privada, sem que esta perca seu caráter individual de liberdade, mas relativizando-a em busca da igualdade social, como princípio estruturante da ordem jurídica brasileira.

No caso de não cumprimento da função social em áreas urbanas, o município pode aplicar sanções ao proprietário e, se necessária, a desapropriação. Geralmente a sanção utilizada é uma alíquota progressiva do Imposto Predial Territorial Urbano - IPTU, ou seja, a cada ano aumenta-se a alíquota (percentual) do IPTU cobrado sobre o imóvel. O proprietário tem um prazo após o início da sanção para regularizar a situação da propriedade. Caso não o faça, o município pode desapropriar o imóvel, mas o proprietário recebe uma indenização, esclarece o site Artigo Quinto (2019).

Sendo assim, o que está posto é a situação fática da ocupação em relação às questões jurídico-espaciais existentes. Outras análises e constatações precisam ser feitas para que haja uma apreciação do caso, pois existem diversos aspectos que o influenciam. Dentre eles: a regularização da posse das famílias que ocupam a área; a situação documental do proprietário anterior; a situação cartorial do imóvel; a dominialidade da área ocupada; o tempo que a comunidade ocupa o espaço; as comprovações que vinculam as famílias ao território ocupado; etc.

Por isso, o grupo de assessoria técnica NÓ(S) se propôs a auxiliar no que tange à atuação do arquiteto e urbanista, a partir de orientações e consultorias diante do processo, trazendo esclarecimentos, dando apoio ao trabalho de um profissional da área jurídica. Seguindo essa lógica, o nosso grupo tem atuado de maneira a dar o suporte técnico à ocupação, para iniciar um processo de regularização fundiária.

FIGURA 9: PLANTA DE SITUAÇÃO PRODUZIDA PELO GRUPO.  
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÔ(S). AUTOCAD. (2021).



Para isso, é necessário que haja a documentação específica da área objeto da ação. O objetivo, com esse material, é dar subsídio à produção de peças gráficas, que embasem ações que busquem a regularização fundiária da área, em busca da posse e possível propriedade dos terrenos para as famílias.

“Organizar, ocupar e resistir” é o lema do MSTB e é o lema das ocupações que buscam sua legitimação e sua segurança legal. O processo da luta pelo direito à moradia no Brasil está em contínua construção e é realidade de muitas famílias brasileiras.

# GEOGRAFIA DOS AFETOS E PERSPECTIVAS FUTURAS

## POR JULIANA HERMSDORF

NÓ(S) nos enobrecemos em sermos uma das conexão nesse sistema complexo de ligação entre atores e situações, ou seja, no rizoma do Quilombo Guerreira Dandara e do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB). Inclusive, um provável ponto de ligação que tende a se ampliar pelas futuras edições da Residência e pelos próximos trabalhos dos assessores.

A nossa conexão entre moradores e lideranças do movimento, assim como com os demais grupos de assessoria que compartilharam conosco suas atuações no território, foi se fortalecendo conforme estreitamos os afetos entre cada pessoa. Japiassú e Marcondes (2006), no dicionário básico de filosofia, reúnem algumas definições sobre a palavra afeto, entre estas estão: do verbo afetar, comover, perturbar; afetar significa exercer uma ação sobre alguma coisa ou sobre alguém. Nesse sentido, foi perceptível o quanto as atividades propostas por nós foram recebendo engajamento conforme avançávamos no trabalho e compartilhávamos mais momentos coletivamente. Isso também porque “nada aumenta mais a potência de agir de uma pessoa do que um encontro que amplie a capacidade de ser afetada e afetar os corpos exteriores de muitas maneiras.” (SPINOZA, 2009, p. 182).



FIGURA 10: BRINCANDO DE CONSTRUIR MAQUETE.  
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



FIGURA 11: BRINCANDO DE BOLA DE SABÃO.  
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).

FIGURA 12: NATHÁLIA, OU MELHOR, NATH.  
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



Construir um pensamento acerca dos espaços do território a partir da cartografia dos afetos nos fez imergir no maior número de dinâmicas que se realizavam entre os moradores. De forma em que, ainda para Spinoza:

a cartografia como método demanda um estado de atenção aos afetos e efeitos da experiência, dos encontros no objeto pesquisado e na(s) pessoa(s) que pesquisam, visto que “não existe nada de cuja natureza não se siga um efeito” (SPINOZA, 2009, p. 41, apud CUNHA, 2017).

Assim, nossa atuação se desenvolveu criando conexões e nos colocando à disposição para sermos conectados através dos demais grupos de assessoria e do próprio MSTB. Diante do que experienciamos na ocupação junto aos moradores fomos traçando outras estratégias de ações que constantemente reposicionou o foco do trabalho ao direcionar nossa atuação em prol de uma pauta mais central. Essas conexões se alinham com a ideia de que

‘entender’, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima - céus da transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.(ROLNIK, 1989, p.66)

Ideia complementada por Vasconcelos (2016), que afirma que a partir de encontros e acontecimentos, acreditando que os afetos são devires que movimentam nossas singularidades, que mostram o que provisoriamente somos, fomos tecendo conexões entre expressões constitutivas dessa cartografia de afetos. (VASCONCELOS, 2016, p.4) Além disso, para nós foi central romper com algum tipo de hierarquia entre os grupos que se aproximavam, sobretudo partindo da compreensão de que cada processo seria rico para o fortalecimento da ocupação como um todo. Foi necessário ficar atento às temporalidades de cada agente que se dispôs a participar e se envolver em algum momento e com isso tentar somar o máximo de disposição que cada um poderia oferecer.

Ao convergir esses aspectos, a procura de transbordar os ditos, romper com limites de saberes; instigar multiplicidades de pensamentos num conjunto de linhas dispersas e em permanente movimento que podem criar uma cartografia rizomática com os sentidos e afetos que perpassam pelo tema ambiente. Afetos-devires que compõem, decompõem e modifica as relações dos indivíduos “aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes” (DELEUZE e GUATTARI, 1997 apud VASCONCELOS, 2016, p.9).



FIGURA 13: BRINCANDO DE BOLA DE SABÃO.  
FONTE: INSTITUTO GOETHE (2021).



FIGURA 14: BRINCANDO DE BOLA DE SABÃO.  
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓS(S) (2021).

Espera-se que o conjunto de atividades e métodos trabalhados durante o processo de assessoria com os moradores do Quilombo Guerreira Dandara oportunizem o desenvolvimento de autonomia dos assessorados e a abertura para novas relações com outros grupos de assessores, além do firmamento dos afetos criados. A todo momento, trabalhamos buscando oportunizar a emancipação dos moradores pelas atividades formativas, a fim de que esses pudessem construir seus futuros caminhos de forma mais independente. Todavia, os laços que criamos nesse processo irão permanecer ligados e a rede de apoio seguirá para além do tempo da academia que, no nosso caso, está limitado ao encerramento da Residência AU+E.

Todos os resultados da pesquisa serão entregues e apresentados como devolutiva ao território trabalhado. Assim, poderão auxiliar nos possíveis processos jurídicos que podem surgir ao longo do caminho, além de servir como demonstração de respeito e cuidado com os envolvidos e os laços gerados no processo de pesquisa. É intencionado que todos os produtos e processos deste trabalho sejam de uso e crescimento comum para o Quilombo, o MSTB, a Residência AU+E/UFBA e os assessores que nele trabalharam.

Nesse sentido, mesmo iniciando um novo ano com a conclusão da especialização no horizonte, os contatos com o MSTB vêm se desdobrando em novas possibilidades de atuação. Temos conversado sobre replicar alguns dos processos construídos em Dandara em outras ocupações e também sobre possibilidades de oficinas futuras que envolvam ações que já vinham sendo planejadas pelo movimento.

Outro comprometimento acordado com os moradores de Dandara é de realizar o mutirão do parquinho<sup>4</sup>. Já realizamos muitas movimentações necessárias para concretizar esse desejo coletivo, no entanto principalmente as necessidades referentes a demolição da ruína na ocupação ainda precisam ser encaminhadas, sendo essa nossa principal tarefa em paralelo a finalização deste trabalho.

<sup>4</sup> O processo de planejamento e projeto assim como todos os percalços estão descritos no caderno Parquinho: Relato de uma experiência em processo.

# NÓ(S) ENTRE DANDARA E MSTB

## POR SOLANGE GUERREIRA

ESPAÇO DESTINADO AOS  
RELATOS, CRÍTICAS E  
COMENTÁRIOS FEITOS PELOS  
MORADORES NA BANCA DO DIA  
03 DE ABRIL DE 2022

“Mais uma vez diante de toda comunidade eu venho agradecer às meninas pelo trabalho que fizeram [...] e hoje eu posso entender que vocês não vieram em vão, vieram para nos ajudar. Porque eu recebi uma documentação de um povo dizendo ser dono [do terreno da ocupação] e muitas mentiras ali, entendeu? A começar pelo nome do sítio que eles botam lá: Sítio Oliveiras. E pelo dizer deles, ele é dono da maior parte [do terreno]... até lá embaixo. É deles. Dos Cristãos, da igreja. E como o advogado pegou algumas falhas ali [...] onde tem palavras que eles mesmos confundem. Então eu não to com medo de perder a terra do povo. Porque através do que tá aí, se vocês olharem esse documento como tá... o rapaz que veio me entregar, disseram lá pra ele que eu era violenta (risos). Então quando o rapaz veio entregar que eu me apresentei ele disse: oxe, violenta?. Por que o documento não veio com o nome do MSTB e veio com o nome de Solange e parentes? [...] O advogado me chamou em particular e disse: você vigie também os seus moradores. Existe morador que tá comigo aqui mas na realidade tá vendendo o que acontece aqui dentro lá fora. [...] Como o rapaz tava falando né, chega aqui e encontra sempre moradores novos. O problema é, teve um barraco aqui que chegou a ser vendido [...] e eu fui lá, e a comunidade veio em cima de mim e a gente foi junto, não é gente? E conseguimos que essa pessoa não vendesse. Antes desse documento chegar, chegou uma pessoa aqui e me ofereceu dois mil

reais por um pedaço de terra aqui em cima. Eu disse que isso aqui não é terra pra vender, entendeu? É pra quem precisa. [...] Foi como Rita [liderança do MSTB] me disse no telefone ontem: tome esses terrenos vazios! tome e bote quem precisa pra vocês não perderem as terras. [...] Então eu to sempre batendo na mesma tecla, vamos ocupar. Então o que eu queria dizer, que a presença de vocês aqui, o trabalho de vocês veio para nos ajudar. E como a menina falou, vai ajudar bastante o que vocês estão fazendo por nós. A comunidade inteira agradece o que vocês tem feito. E nós aqui precisamos da ajuda de todos vocês porque jamais a gente ia invadir terra que tivesse dono. Com um bocado de gente precisando de moradia... tem morador aqui que morava na rua [...] por causa da distância do trabalho voltou pra rua de novo. Dependemos muito da ajuda de vocês. E quanto ao trabalho das meninas, o trabalho dela elas são comunicativas, elas são as pessoas que realmente sabe chegar, se a gente tiver com problema elas sabem conversar. Elas fazem papel, não fazem só papel de vocês, elas fazem papel de psicóloga, elas fazem papel... de todos os papéis elas fazem, né? E abraça a gente, elas teve uma grande perda da minha mãe, [...] a minha mãe dava o maior valor a essas meninas. No dia que essas meninas vinham pra qui parecia que essas meninas eram umas princesas. Era cuscuz, era bolo. E mandava elas entrarem na cozinha. [...] Ela teve um derrame cerebral, perdeu a visão, e dali Deus levou ela. Ela tá em um bom lugar. [...] Nosso lema é ocupar, lutar e resistir. Então quem não quiser resistir, chega ali ó dona Sol, quero não, tome aí. Não vai faltar gente pra morar. Então agradeço a vocês o papel de vocês, [...] agradeço aos professores, né? E quando você falou de nós estarmos lá com vocês, estamos às ordens né meninas? Todos vão estar lá com vocês, e meninas, parabéns!”

## POR CÁSSIA LIMA

“Eu acho que é importante destacar, de fato, a importância da vinda dos meninos aqui com esse trabalho todo, né? Tem toda uma luta assim de fato na questão do direito à moradia, muita gente aqui veio de lugares diferentes com lutas diferentes, quererem diferentes... mas todos de fato em busca desse lugar mesmo. Desse lugar mais tranquilo, de ocupar, do direito, de se construir como sujeito de direito na busca também pelo seu direito de ocupar. Então eu acho que isso é muito importante e as meninas vem trazendo também esse processo do trabalho coletivo, de mostrar que todo mundo aqui é capaz de colaborar, de fazer sua parte, não só pensar o seu lugar que é o lugar da sua casa né, mas pensar esse lugar coletivo também, de pensar nos melhoramentos, nas potencialidades, isso que elas trouxeram foi muito bonito. E trouxeram com uma meiguice, com um carinho, com um olhar diferente delas. Eu acho que isso aí foi muito importante para a ocupação, né? E Solange ela sempre vem trazendo essa necessidade mesmo da gente também se repensar como esse coletivo. Não só pensar naquela unidade habitacional que é a minha, que é a deles, mas pensar nesse coletivo, de todo mundo poder colaborar pra melhorar. Então foi um pouco disso, desse olhar que as meninas trouxeram e o trabalho também da fossa comunitária que foi muito importante, e outras questões né? Dessa sensibilidade de trazer uma proposta inicial que era do parquinho mas vendo outras necessidades que eram mais latentes poder redimensionar e ver coisas mais emergenciais, mais importantes que a comunidade tava contando. Eu acho que isso foi muito importante pra gente se enxergar como coletivo. Foi um pouquinho disso que eu percebi nesse momento todo que a gente vivenciou aqui com as meninas.”

“Sem falar que esse produto ajuda a criar uma identidade pra ocupação, né? É bom a gente se vê nesses materiais [...] vê toda luta que foi construída passinho a passinho, suor a suor. Com as chateações, que também não é só beleza né? Também não vai falar que é só beleza. Mas também é muita beleza. Então ajuda a construir a identidade. Faz acreditar que é real a ocupação, né? às vezes com tanta dificuldade que se encontra a gente quer de fato desistir. Não tem água encanada, não tem asfaltamento [...] mas também mostrar que quando a gente se encontra é possível construir muita coisa.”

## POR LAÍS

“Só quero dizer que foi muito importante, gratificante. Cada dia que eles vinha era uma alegria pra gente. A gente colava junto, botava a mão na massa. Eles não vinha dizendo: ah, tem que fazer isso, isso e assim. Não, era tudo em conjunto, todo mundo fazia. Se alguém tinha que fazer ia lá e fazia, não tinha aquela coisa de tá no pé. Foi muito alegre [...] só tinha tristeza quando eles iam embora. Mas foi muito importante mesmo. E cada vez que vinha com um trabalho novo a gente tava indo, colado. Fizemos também a fossa e o parquinho que a gente também tá colado. Só falta vir o parquinho agora. Mas foi muito importante mesmo a participação de você, bom trabalho.”

## POR EDNEI

“Só agradecimento mesmo. Reforçando o que ela falou, quando eles vinham não vinham pra mandar. Além de vim pra aprender também com a gente e nos ensinar também. Agradecimento.”

# NÓ(S) ENTRE INSTITUTO GOETHE

## POR LIS CORREIA

Nas travessias da vida, procuro perceber o que doo e deixo de mim e o que fica em mim das outras pessoas. A vivência com as pessoas do Quilombo Guerreira Dandara, direcionou minha visão dessas travessias para um campo ainda maior. Fomos com um propósito que seria sobretudo construído coletivamente, mas ainda assim diria que pré definido no sentido de uma solução do saneamento descentralizada, acontece que fora da teoria à prática e vidas são muito maiores do qualquer projeto ou plano. Foi em Dandara que pude efetivamente praticar a ideia de que a engenharia é feita por pessoas para outras pessoas que por sua vez são protagonistas de suas vidas, mas quando todas essas pessoas conseguem juntas construir e aprender umas com as outras existe ali um movimento que como já disse é muito maior que qualquer infraestrutura. As pessoas do Quilombo Guerreira Dandara me atravessaram, atravessam e espero que assim continuemos, não por uma relação de dependência, mas porque estamos nos tornando sujeitos cada vez mais autônomos e conscientes das nossas escolhas.



## POR CAROLINE RIBEIRO

O processo de assessoria assim como das oficinas de construção no Quilombo Guerreira Dandara foram uma experiência de visibilidade, mas sobretudo de troca. Em meio às gestões públicas que não reconhecem as comunidades tradicionais e tratam da urbanização como se o nosso Estado não abrigasse o maior número de comunidades quilombolas do país, corroborando com a sua desmantelamento e sobrevivência através de lutas diárias por espaço e voz. Ainda assim, Dandara se faz presente e mostra que com acolhimento, disposição, escuta, persistência e trabalho duro uma comunidade resiste e pode prosperar.

Tratando da minha vivência pessoal, lidar com o confronto com realidades tão próximas e tão distantes ao mesmo tempo, envolvimento pessoal com população em situação de vulnerabilidade, as limitações do trabalho voluntário e os desafios de engajar as pessoas em uma causa socioambiental, me trouxeram a capacidade de gerenciar sentimentos como frustração e impotência, e situações adversas que demandam criatividade, improvisação e comunicação clara para que o trabalho seja sempre contínuo.

É sempre surpreendente analisar como pensamos que começamos um projeto: sem muito apoio ou identificação de outras pessoas e que com o passar do tempo uma corrente vai se formando e como cada pessoa agrega de forma essencialmente inimaginável. E assim foi a participação dos alunos da residência da UFBA. Projetos que inicialmente se correlacionavam, mas que em determinado momento se tornaram um só, unidos pela vontade de contribuir, de se doar e deixar transforma-se pelo o que Dandara representa: a soberania dos povos.

## REFERÊNCIAS

Artigo Quinto. **Função Social da Propriedade: Uma Condição ao Direito de Propriedade No Brasil.** Disponível em: <https://www.politize.com.br/artigo-5/funcao-social-da-propriedade/>

BALTAZAR, Ana Paula; KAPP, Silke. **Assessoria Técnica com interfaces.** In: IV ENANPARQ, 2016, Porto Alegre. IV ENANPARQ: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Estado da arte. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2016. v. 1.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001. **Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/L10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/L10257.htm). Acesso em: 17 nov. 2021

**Cartilha do II Congresso Estadual do MSTB.** Fevereiro de 2008.

CUNHA, Diana Kolker Carneiro da. **In(ventos): pistas de uma cartografia climática para uma geografia de afetos.** ClimaCom [online], Campinas, ano. 4, n. 9, Ago. 2017. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7288>

DELEUZE, G; GUATARRI, F. **Mil platôs.** v. 1. Ed. 34. Rio de Janeiro: Letras.

**Estudo aponta Cassange como o bairro de Salvador com maior risco para Covid-19.** Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estudo-aponta-cassange-como-o-bairro-de-salvador-com-maior-risco-para-covid-19/>. Acesso em: 02/03/2022.

GAMA, C. **A função social da propriedade a partir do movimento sem teto da Bahia em Salvador – Bahia.** Jus.com.br. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/87216/a-funcao-social-da-propriedade-a-partir-do-movimento-sem-teto-da-bahia-em-salvador-bahia>. Acesso em dez 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos Sociais: paradgmas clássicos e contemporâneos.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2006

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Revista brasileira de Educação, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KAPP, S. **Grupos sócio-espaciais ou a quem serve a assessoria técnica.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 20, 2018, pp. 221–236.

MALUF, Carlos Alberto Dabus (1997). **Limitações ao direito de propriedade.** São Paulo: Saraiva.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, S. **Cartografia ou de como pensar um corpo vibrátil**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acessado em 05/05/2015.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VASCONCELOS, Anna Carolina Barcelos. **Cartografia De Afetos: Educação, Ambiente E Fotografias Num Baile Em Sentidos Biodiversos**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação - Processos Socioeducativos e Práticas Escolares - da Universidade Federal de São João del-Rei. UFSJ. 2016.